

Influenciadores digitais negros como *griots* modernos: narrativas sobre passado, presente e futuro em Pretaletrada¹

Ana Luísa Schuchter Rofino²

Marina Lopes de Souza³

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a atuação de influenciadores digitais negros na construção de narrativas afirmativas e combativas sobre a história da população negra, no Brasil, a partir da consciência da diáspora (Clifford, 1994). Analisa-se o reels “Negrões que estavam pouco se lixando para você se inspirar: Daniel e Antônio”, da comunicadora Camila Apresentação, através da metodologia do Aquilombamento Negro (Furtado Veloso; Oliveira de Andrade 2021). Assim, buscamos compreender se influenciadores digitais negros vêm operando como *griots* modernos (LIMA, 2020) no cenário emergente de mídias negras (Borges, R.; Silva, R., 2020).

PALAVRAS-CHAVE: influenciadores digitais negros; *griots* modernos, consciência da diáspora; mídias negras, descolonização.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Mestranda do Programa de PósGraduação em Comunicação da UFJF, email: analuisa.schuchter@estudante.ufjf.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, email: lopes.marina@estudante.ufjf.br

RESUMO EXPANDIDO

Historicamente, a população negra em diáspora, no Brasil, sofreu sucessivas destruições e políticas de extermínio de seus quilombos, memórias e saberes civilizatórios, mitológicos, religiosos. Entretanto, segundo Brah (1996) as culturas estão em constante transformação uma vez que os sujeitos atuam, intervêm e a recriam por meio de interações cotidianas que modificam e alteram as tradições.

Nesse sentido, na contemporaneidade, as mídias negras (Borges e Silva, 2020) fazem parte de um movimento circular e decolonial de formação de novas matrizes de visibilidade, reconhecimento e autodefinição para pessoas racializadas, contestando a mídia hegemônica e valorizando vozes, corporeidades e experiências afrodiáspóricas. Constituídas e operadas por grupos, coletivos, profissionais racializados, as mídias negras pensam, produzem e distribuem conteúdos em diversos formatos, interagindo com audiências interessadas nas temáticas abordadas. Experiências insurgentes, como Alma Preta, Revista Afirmativa, Mundo Negro, Notícia Preta e Negrê formam justamente essa paisagem de grupos que instrumentalizam a comunicação como uma ferramenta de resistência para a decolonização de conhecimentos, imagens e identidades com base em ideais quilombistas (Nascimento, 2019). Assim, pensar na comunicação antirracista é entendê-la não só como agente de enfrentamento, mas também como ator central na reconstrução de imaginários e produção de discursos alternativos que auxiliem na soberania política, cultural e existencial de pessoas negras.

Neste trabalho destacamos, em específico, os influenciadores digitais negros como agentes das mídias negras que empreendem movimento de construção da consciência da diáspora (Clifford, 1994) enquanto *griots* modernos (Lima, 2020). Clifford (1994) chama de consciência da diáspora (*diaspora consciousness*) o movimento que resgata a referência africana por meio de memórias, mitos e símbolos estéticos acionados em suas culturas populares, formando uma consciência social que desperta práticas criativas de transformação da opressão. Já *os griots* modernos de Lima (2020) representam os mediadores que promovem o diálogo entre indivíduos de diferentes comunidades ou grupos étnicos a fim de difundir informações e a própria memória das culturas africanas, porém no *presente*.

Mesmo como experiências localizadas em seus próprios perfis virtuais, os influenciadores digitais negros viabilizam o contexto comum da subjetividade coletiva negra, gerando produtos que circulam nos meios digitais que respondem às demandas tanto de informação, quanto de representatividade, de seus grupos sociais. Dessa forma, os influencers, como são chamados, impactam no consumo material de suas comunidades e, principalmente, em processos de sociabilidade. Estima-se, atualmente, que 71% dos usuários sigam algum tipo de influenciador (Qualibest, 2018). Assim, “aquilo que hoje é chamado de influência digital refere-se, na verdade, àquilo que entendemos como legitimação pelos pares, consolidação da reputação, crédito e prestígio em um campo” (Karhawi, 2017).

Conseqüentemente, ao se distanciarem da precarização e subalternização fundadas pela colonialidade, os influenciadores digitais atuam como *griots modernos*: aqueles que produzem conteúdos digitais, no Instagram, Twitter e TikTok, por exemplo, sobre a história, a ciência, a economia, a religiosidade do povo negro, não só do passado, mas do presente, de forma afirmativa e combativa, em um território de partilha virtual, conectando-se com audiências engajadas e alcançando diversos públicos, em uma velocidade e volume nunca vistos antes. Como sujeitos protagonistas da própria história e produtores autorais de diversas narrativas, eles se lançam na produção de pedagogias próprias, comunitárias e autônomas, apostando na comunicação como artifício de autodeterminação e libertação para o seu próprio povo. Entre os tipos de publicações e temáticas compartilhadas por essas personalidades públicas, encontramos: legados de rainhas africanas, grandes lideranças de quilombos brasileiros, pilares da educação financeira negra, como funciona a miscigenação no Brasil, mitologias e filosofias da cultura de matriz africana, entre outros assuntos.

Entendendo que as dores coletivas da negritude, em diáspora, vêm da estrutura colonial e se reatualiza na imposição da modernidade e seus artifícios (Obirin Odara, 2022), os influenciadores digitais negros, também, parecem fomentar a “reapropriação crítica” de suas históricas, no sentido de extrair o valioso do entulho que o circunda – isto é, a falsificação racista e as interpretações intelectualmente deficientes da história e da cultura africanas (Karenga, 2009, p. 351).

A recuperação e reapropriação críticas do passado, sobretudo das verdades escondidas, negadas e não reveladas da iniciativa e da experiência africanas no mundo. Por “recuperação crítica” quero dizer uma abordagem analítica das

coisas encontradas, uma apreensão abaixo-da-superfície dos significados maiores e mais profundos que a competência rotineira não consegue prover. E uso o termo “reapropriação crítica” no sentido de extrair o valioso do entulho que o circunda – isto é, a falsificação racista e as interpretações intelectualmente deficientes da história e da cultura africanas. (Karenga, 2009, p. 351).

Veloso e Andrade (2021) vão dizer que quando pessoas negras se apropriam de espaços virtuais, tomam para si lugares contra-hegemônicos e podem ali contar suas histórias muitas vezes silenciadas por uma mídia mais massiva. Tendo como base a luta antirracista, experiência da elaboração desses conteúdos midiáticos produzem, de acordo com (Andrade e Veloso, 2021) vínculos de acolhimento, reconstrução histórica, memória, identidade, representatividade, práticas de consumo e sociabilidade podendo, dessa forma, ser nomeado como aquilombamento virtual midiático. “O modelo quilombista vem atuando como ideia-força, energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV”, afirma Nascimento (2002, p. 282). Esse contexto de organização e resistência social promovida pela população negra, é percebida desde a época da escravização do Brasil.

Escravidados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar (Munanga, 1996, p. 63).

Collins (2016) também vai dizer que as relações de opressão vividas pela população negra, além do auto-desprezo, interferem de forma direta em seu imaginário social. Assim, a mídia hegemônica acaba funcionando como ferramenta que reforça imagem do negro enquanto subjugado, além de sexismo e o controle sobre seus corpos. “Não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes” (Carneiro, 2005, p. 97).

No contexto dessa problemática, o objetivo deste trabalho é analisar as narrativas mobilizadas pela influenciadora, escritora e comunicadora negra Camila Apresentação, no perfil Pretaletrada, a partir do reel “Negrões que estavam pouco se lixando para você se inspirar: Daniel e Antônio”. A página do Instagram conta atualmente com 144 mil

seguidores. O reel em questão, é conteúdo audiovisual que rememora a história de enfrentamento e resistência dos líderes Daniel e Antônio Araújo da Revolta de Viana, no Maranhão, em 1867. Partindo da perspectiva de que os influenciadores digitais negros atuam como *griots* modernos (Lima, 2020) em um cenário da mídias negras (Borges e Silva, 2020), investigamos se a narrativa acionada mobiliza o movimento de consciência da diáspora (Clifford, 1994) frente ao racismo brasileiro.

Portanto, a fim de possibilitar a análise de questões étnico-raciais e culturais vinculadas à temática proposta, faz-se necessário desenvolver um diálogo a partir o campo comunicacional e suas transdisciplinaridades com as epistemologias negras. Consequentemente, a fundamentação teórica de questões relacionadas à intersecção entre mídia e negritude está embasada nas concepções de Nascimento (2019), Collins (2019), Mbembe (2014), Carneiro (2005), Sodré (2002), Munanga (1996) e Nascimento (1978), entre outros autores.

A metodologia adotada foi o Aquilombamento Virtual Midiático (Velo; Andrade, 2021) que enxerga os quilombos como um instrumento ancestral que fundamenta a existência das mídias negras brasileiras. O aquilombamento virtual preconiza que o que foi produzido por pessoas negras ao longo da história brasileira não pode ser desconsiderado, pois existe uma ligação entre a resistência histórica dos quilombos e a existência das atuais mídias negras brasileiras e seus atores. Aquilombar-se virtualmente, portanto, pressupõe a tarefa de descolonização das narrativas midiáticas em prol de uma comunicação antirracista, que atenda às demandas da população negra e reconecta o passado e o presente como uma forma de conceber o futuro (Velo; Andrade, 2021).

Esse direcionamento permite compreender a comunicação antirracista e “seus movimentos por emancipação como produtores de conhecimentos válidos que não somente podem tensionar o cânone, mas também o indagam e trazem outras perspectivas e interpretações” (Gomes, 2019, p. 235). Isto posto, se os quilombos eram unidades radicais de resistência dos povos escravizados que desestabilizavam a lógica escravista e sublinhavam a necessidade de transformações na ordem social (Moura, 1981), o aquilombamento virtual midiático, a partir de plataformas digitais de comunicação, torna possível a construção de espaços onde cultura, história, memória e narrativas contemporâneas dos negros são protagonistas.

Como resultados principais e contribuições desta pesquisa, a partir da coleta, tratamento e análise dos dados, elencamos e identificamos: os influenciadores digitais negros e suas práticas narrativas como parte do movimento emergente das mídias negras; a comunicação como ferramenta de um modo determinante de ação sobre o mundo e; o aquilombamento de vozes negras nas plataformas de mídias sociais como mecanismo para romper com os silenciamentos históricos da colonialidade.

Logo, ao transformar o antirracismo em conteúdo digital, nossos griots modernos reconhecem a importância de reorganizar e descolonizar os métodos, as narrativas, as imagens e as escolhas comunicacionais, com pautas, temáticas e abordagens mais sensíveis, emancipatórias e verídicas sobre a trajetória da negritude brasileira. Localizamos que as abordagens aplicadas no reels “Negrões que estavam pouco se lixando para você se inspirar: Daniel e Antônio” da Pretaletrada se alinha com os fundamentos da decolonialidade (Gomes, 2019) quando questiona as narrativas únicas (Adichie, 2019) construídas historicamente, nomeia as desigualdades e oferece contra narrativas de reinvenção e de re(existência) feitas por e para pessoas racializados.

Sendo assim, as contribuições do estudo de influenciadores digitais negros para os estudos de decolonialidade e letramento racial (Twine; Steinbugler, 2006) reside na possibilidade de compreender os discursos enquanto acontecimento e não algo que possa meramente se tornar irrelevante no entorno social. Esse caminho ainda é longo e árduo, mas a tentativa de cruzá-lo é válida e potente para gerar reflexões sobre antirracismo, mídias negras e influenciadores pretos e os efeitos dessa relação. Por fim, consideramos as mídias negras como “a diáspora negra dizendo que sobreviveu e sobreviverá [...] González; Hasenbalg, 2022, p. 35).

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BORGES, R.; SILVA, R. C. (org.). O papel das mídias negras na implosão de imaginários. **In: Mapeamento da mídia negra no Brasil**. Fórum Permanente Pela Igualdade Racial (Fopir), 2020. Disponível em: <https://bit.ly/46vm5x5>. Acesso em: 07 ago. 2020.

BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora: Contesting identities**. London and New York: Routledge, 1996.

CARNEIRO, S. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. São Paulo: [s.n.], 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>.

CLIFFORD, James. **Diasporas**. *Cultural Anthropology*, Northampton, v. 9, n. 3, p. 302-338, aug. 1994.

COLLINS, P. H. Black feminist thought as oppositional knowledge. **Departures in Critical Qualitative Research**, v. 5, n. 3, p. 113-144, 2016. Disponível em: <https://online.ucpress.edu/dcqr/article-abstract/5/3/133/81415/Black-Feminist-Thought-as-Oppositional-Knowledge?redirectedFrom=fulltext>.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, P. H. Black feminist thought as oppositional knowledge. **Departures in Critical Qualitative Research**, v. 5, n. 3, p. 113-144, 2016. Disponível em: <https://online.ucpress.edu/dcqr/article-abstract/5/3/133/81415/Black-Feminist-Thought-as-Oppositional-Knowledge?redirectedFrom=fulltext>.

GOMES, N. L. O Movimento Negroe a intelectualidade negra:descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (org.) **Decolonialidade e pensamento afrodiapóric**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GONZÁLEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. *Communicare*, São Paulo, v.17, edição comemorativa, p. 46-61, 2017.

LIMA, Morgana Gama de. **Griots modernos: por uma compreensão do uso de alegorias como recurso retórico em filmes africanos**. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões na senzala**. Quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, n. 28, p. 56-63, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28364>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. 3ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência afro-brasileira**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2014.

KARENGA, Maulana. **A função e o futuro dos estudos Africanos**: reflexões críticas sobre sua missão, seu significado e sua metodologia. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 333-359, 2009.

QUALIBEST. Influenciadores digitais. São Paulo: **Instituto QualiBest**, 2018.

SANTOS, Beatriz Ricarte. Obirin Odara. Colonialidade e branquitude. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C13ottLtYN/>. Acesso em: 1 abr. 2024.

TWINE, F. W.; STEINBUGLER, A. The gap between whites and whiteness: interracial intimacy and racial literacy. *Du Bois Review: Social Science Research on Race*, New York, v. 2, n. 3, p. 341-363, ago. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/231775543_The_gap_between_whites_and_whiteness_Interracial_Intimacy_and_Racial_Literacy. Acesso em: 11 mar. 2024

VELOSO, M. S. F; ANDRADE, A. O. Aquilombamento virtual midiático: Uma estratégia metodológica para o estudo das mídias negras. **Revista Alceu**, n. 44, v.21, p.172-189, 2021. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/247/230>. Acesso em: 17 mai. 2023